

***PROCURAS
EM VÃO***

Livro 44

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



MINHAS CERTEZAS

Flutuei minhas certezas nestes tempos incertos. Pus a vagar minhas urgências esquecendo-me do tempo e da meta. No desconcerto em que me encontro, cometi a imprudência de contar meu espanto a quem não podia. Resta arrancar a raiz que me sustenta e que me obriga a crer em alguma coisa. Tento prestar esclarecimentos à minha consciência, já que o desconcerto vem ao seu encontro. O que não pude noticiar foi a falta de coragem de não poder responder com sinceridade. Perdendo a capacidade de antever, agarro-me a algum ventre que me acolha no presente e me abrigue, sou um homem impelido a dobrar o orgulho. A tolerância alivia-me, dilatando a prudência que me cala a pressa. Prolongo-me até escutar a mim mesmo, urgindo instantes de serenidade. Extenuado pelos excessos, leio nos olhos dos que me necessitam, eles clamam um pedido. Vanglorio-me de ter prática de conseguir domar-me, quando difundo minha indignação aos gritos e meu consolo silenciado.

RISOS PLURAIS

Faz trinta, quarenta versos que minha juventude seguia apegada a sonhos fabulosos. Chamando a tudo de meu, abraçava o futuro como todo meu, enfrentava o desconhecimento mesmo quando faltava a coragem e sobrava o medo. Ainda não havia sido apresentado ao pessimismo quando descobri o amor avançado dos adultos. Aproximei-me de uma inteligência que apaziguava, deixando-me compreender alguns sentimentos que até então não conseguia nomear. Aconteciam risos plurais, que pouco a pouco, alimentaram um extraordinário sentido de paz.



O USO DO MEU NOME

Fortalecidas as convicções, não fico muito contente com o uso do meu nome para dizerem por mim o que eu não penso. O que eu digo carrega os meus afetos, convicções e, portanto, não cabem variantes interpretativas sobre

minha singularidade. A importância atribuída pelos outros não coincide com a minha e de meus intérpretes, enquanto nossas originalidades diferem.

Certa falta de ética de convivência convida a que as pessoas tenham, às vezes, falta de consciência de seus atos, certa confusão valorativa em relação aos métodos de convivência.

Mesmo que acabando ao instante, respondo por mim, que vivo esmerado na promoção de inovações, causa uma dor. Falsificar o apoio em uma conveniência pessoal, condena e instrui que em lugares tão profundos falta um pouco de respeito para com meus assuntos principais.



NÃO PEÇO CONSIDERAÇÃO

Calem as vozes duras ou sedosas, deixem minha ansiedade dirigir meus passos. Deixem-me eleger, se eu quero e como quero para que descansem em paz essas ajudas que não pedi, e deste modo eu escolha a companhia e onde viver.

O QUE HÁ EM MIM

Qual o ensinamento que nos traz a dor, eu digo a experiência, a prova vivida ou, o que é quase a mesma coisa, a confirmação de outro a ponto de identificar-se; inventar à si próprio confundido o seu com o meu, ainda que com espantos diferentes igualados por este sentir que nos unifica, modelando essas mínimas histórias que não se encontram nos livros mas que nos fazem ter a vida operante e significativa. Acasalando o meu e o teu, inventando o nosso dando sentido às diferenças na ordem, no espaço, na regra e no tempo, esmagado ou abatido, eufórico ou feliz, mantenho a vida esperando uma surpresa, um retorno, uma novidade, uma confirmação. Ainda posso reconhecer nos meus exageros, precipitadas emoções que transbordam, explodindo com a minha prudência e meu recato.

As precipitações, os improvisos, as compulsões, todas reunidas me dominam em manifestações sem medida. Como corrente caudalosa, a emoção sobe rio acima fazendo decolar a serenidade desejada. Vejo-me, então, perdendo a razão, desviando o sentido da civilidade, proclamando a besta que me habita e que nem sempre domino. Às vezes, reajo, revido, cuspiendo a

delicadeza. O detrator que há em mim induz à agitação e ao desespero por me indagar se posso ainda crer. Me aceito melhor como arauto que como anunciador da demissão. Prefiro o papel da acolhida ao da despedida. Por estas contradições, não me reconheço senão pela ira que me consome. Faço e digo aquilo que critico e repudio. Quase me transfiro para o que sou, mas não me reconheço ser, é como virar pelo avesso.



A DOR GASTA A VIDA

Congelei as sentenças, dei-me a alforria que me faltava. Não formulei mais a mínima ou leve queixa, obedecendo ao costume de misturar uma esperança desgastada a uma alma espoliada. Adquiri coragem, até forrar a pele com aço e perder a última sensibilidade, acabando com as agonias horríveis e os desgostos. Saindo da grande roda, parei de copiar. Fiquei algo original; decretei o fim da personalidade pirateada, parei de aceitar afinidades pequenas, não me vesti mais

igual, produzi pensamentos, desencadeei desassossego naqueles oprimidos pela igualdade imposta, naqueles que se pensando livres, escolhem igual aos demais. Isentei-me de remorsos, fraternizei com os pecados para aceitá-los como contrapartidas humanas. Todos os meus esforços para libertar-me da culpa resultaram quase em vão, qual sombra perseguidora embutida nos ossos. Cobro-me penitências por atos que nunca cometi. Posso dizer que uma ou outra vez fraudei minhas boas intenções, incauto que fui, pequeno, egoísta e maldoso. Quase me submeti aos maus tratos que me graduariam como um sofredor. Fraudei também algumas memórias que preferi reverter em esquecimentos.

Já fugi, me retirei covarde, querendo desaparecer, evitando alguns que me traziam perigo de vida e de morte. Saí em busca de reparação antes que alguma sentença me fizesse refém. Algum preço paguei, ainda não saiba bem qual.

Tentaram sequestrar minha vida, dizendo que ela seria aquilo ou mais nada. Apoderando-se das minhas escolhas, me subtraíram os direitos e as explicações, zombando das minhas teimosas buscas cada vez que me encontraram tentando furar os bloqueios, os muros excludentes, as censuras memoricidas.

Embora eu soubesse que muito não podia, tentei tudo que pude, usei todos meus ódios para me afastar daqueles que me queriam escravizar. Usaram subterfúgios através de lições, furtaram convicções através de textos, subverteram meus sonhos infantis depreciando meu direito de perguntar, de ouvir e de calar. Obrigaram-me a exames alienantes que só avaliavam minha capacidade de enganar e quase nunca me perguntaram o que eu sabia ou gostava de fazer. Prenunciaram meu fracasso cada vez que me condenaram a repetir o ano escolar. Passei da infância à adolescência lambendo as feridas, curando as dores, diminuindo os medos, tentando cortejar algum lugar que me aceitasse. Minha ousadia passou por cima dos sustos, das proibições, busquei proveito na originalidade.

Ganhei conhecer o homem que pude me tornar. Durmo o resto das minhas noites sem insônias, não agito o descanso para seguir sonhando. A dor gasta a vida.

Ganhei conhecer o homem que pude me tornar. Durmo o resto das minhas noites sem insônias, não agito o descanso para seguir sonhando. A dor gasta a vida.

NÃO NECESSITO DE SILÊNCIOS

Não necessito de silêncios, quero vozes, multidões. Quero uma palavra que se meta nos meus vazios e que me invista de algo em que acreditar nestes tempos de incertezas. Quero alguém que me defenda de mim mesmo, que me empreste um chapéu para enfrentar o sol e me marque o caminho para que, ao voltar, eu não me perca. Algo que me acalme na desventura e que me entregue alguma fortuna; a paz espessa e radical que deita raízes.

Solicito um abono para tolerar o bem que acaba, o amor que se gasta, o dia que passa, a noite que inventa o escuro e traz o medo e o abandono. Quero um lastro para equilibrar as vertigens e uma mão que afague, deixando cair a pedra; Quero uma planta que se abra ao sol e ofereça flores, uma robusta amiga que me acompanhe nas rotinas, quero braços para seguir timoneiro e tranquilo em direção do farol.

Quero a flexibilidade do mar que sobe e baixa com o mesmo ímpeto, calculando as marés e os ventos.

Quero explodir debaixo de meus pés todas as minas armadas para mutilar os que andam precisando das pernas. Quero uma armadura que me isente de perder

a sensibilidade e me livre dos prêmios que não mereço. Necessito deixar de me queixar porque supérfluas fantasias não se realizam e alguma misteriosa humildade me faz deixar de ser dono e senhor. Necessito da inocência da criança que olha o mundo com esperança deixando de lado esse adulto que me tornei. Necessito que uma grande coluna, feita de ancestralidade, osso, pele, crença, me sustente.

Quero desenterrar os inocentes assassinados, pôr crítica na falta de compreensão e sentido à letra que ensina e educa. Quero um campo em que se possa plantar e colher. Uma orquídea multicolor que enfeite meus olhos apurando o amor para purificá-lo outra vez. Quero tornar harmonioso o encontro que narre a descrição verdadeira. Quero tomar posse, assessorar-me do amor para tirar do lugar onde estava oculta a vida.

A FACE DOS DESESPERADOS

Onde uns me necessitam braços, outros me afastam o corpo. Onde encanto, me repudiam, onde faço-me respeitar, me aceitam mais pelo susto que pelo direito. Eu venho de um lugar diferente, com outras expectativas. Angustiado, precipito-me a cumprir qualquer mandato que refaça o ânimo e espante o descaso que derrota a esperança.

Assim, vejo pelos corredores, calçadas, terraços, homens, mulheres, velhos, crianças, numa crônica súplica em busca de remédios para suas escondidas falências, por falta de abraços, de afagos, vivendo a vida pelo avesso, decretando perigos a cada nova lua. E cada vez que tentam, voltam mais vencidos.

Faço-me mais adormecido, busco algum anjo terno que me engane a fome de justiça e me dê terra para comer, água de rio para beber, para esta minha sede imensa de justiça matar. Mais estupendo que isso só minha indignação, a qual escondo em segredo.

Como um mármore duro, minhas vontades juntam pedaços dos restos dos humanos desperdiçados até ferir a cabeça de tanto pensar nos rostos duros que estampam a frieza dos ofendidos e dos ofensores.

Cansei de tanta morte inocente. Vencida a ira extrema, admiro aquele que aprende a viver com tão pouco, a tal ponto que já sobrevive sem alimento e ajuda.

Sempre o rigoroso ciclo que acaba na morte ronda alguns para levá-los antes. Como pirata, invade os corpos para enfermá-los sem aviso e sem consentimento. Feito árvore verde sem tempo de amadurecer, a vida tem sua colheita antecipada pela mina plantada, pelo muro excludente, pela expropriação, pelo memoricídio, pelo exílio. Nenhum pedaço intacto fica para contar o perdido, nenhum direito razoável, nem uma tentativa de cura, nenhuma barreira para conter a perda. As mães vestidas de negro olham para o chão, já sem a indignação. Acostumadas a perder, pressentem que não há para quem clamar. Resta-lhes apenas o choro. Negras de prognóstico, entre inimigos de todos os lados, fazem de seus prantos lamentos que murmuram como um mantra revoltado.

Na face dos desesperados vejo revelado o segredo da falta de cuidados, no pranto dos desolados o abandono e a falta de abraços. Como que já engolidos pela desistência cobiçam um pouco de comida que seria o santo remédio para seu vazio estômago, adiando a sobrevivência um dia mais.

EUFONIAS

Dando-me por vencido, resolvi explicar porque a minha voz perdeu a sincronia e a fala emudeceu. Debilitado, em estado de guerra parei de falar para sempre. Fingi-me mudo para não ter mais que aclarar razões, pronunciar com clareza, explicar o óbvio, debilitar a paciência e sentir-me um orador em dívida eterna. Cansado de vociferar, havia gasto todos os gritos em vão. Desarticulando sílabas descompus as palavras que se esqueceram de formar orações para serem ditas por uma voz enrouquecida.

Determinar valores, avaliaria riquezas por dinheiros, esquecendo de reconhecer a grandeza dos gestos que construíram a minha história me definiram essa solução extrema de não mais falar. Já bastam os fatos eles sobrevivem sem palavras, dispensam legendas.

DESACORDO

Com que facilidade partiste! A espera não foi tardia nem precoce, inventei uma tolerância fingida, refugiei-me num silêncio sonoro que nada anunciou. Que retorno invento hoje, amanhã ou nunca, que importa? Esse artifício faz menos triste o sentido das lágrimas já sem espanto.

Tenho um medo que me cega. Não bastassem tantas dores, não alimentarei desculpas nem culpas porque não haverá consolo que apague a impressão de solidão deixada na despedida.

Minha discreta opinião discorda dos teus atos, porque eles afirmam que sentes a falta de carícias e abraços, e o que era para ser se transformou em árido deserto. Sabes tu dos prazeres da vida, das carências humanas, da genialidade, do simples, da força do amor e da tolerância? Vestes tanto amadorismo. Não cabem ofertas, quando teus impulsos atrevidos anulam qualquer tentativa minha. Deixam a alma fraturada sem reparos, que de tão louca e desconcertada guarda a maior tristeza. Se tu me hás vires triste, não saberei explicar-te; se me vires amante, não beberás mais do meu mel. O manso doméstico é um arremedo, um

desencontro, um fracasso.

Quando vi que o amor acabara, meu coração obrigou-se a isso aceitar. Quando se adianta a despedida, desbotada fica a vontade de admirar e preservar. Hoje, refugio-me em um lugar imprevisto.



JUSTIFICANDO CARÊNCIAS

Já que nunca havia sido apresentado às paixões, excedi-me em falar mal dos amores já que nunca os havia praticado. Isento do compromisso da conquista me especializei em ausências. Mencionando todos os fracassos para justificar a carência de companhias. Exilado até o dia em que por pura distração conheci o acolhimento generoso que se fez surdo à minha indiferença.

Explicar o fenômeno das sinergias seria descobrir a determinação. Sem precipitações decidi expulsar a ignorância, resolvi conhecer o que nunca me foi permitido. Mudar a cultura, aliviar situações, expor

raízes, replantar significados, florescer novidades.
O destino quis que eu me fizesse cargo da amizade
e da solidariedade, colocando as velas aos ventos
favoráveis, atento aos faróis permanentemente acesos.
Desembaraçando as marés e repartindo as ondas. Vi-
me como que os mares que não podem beber da própria
água.



UNIVERSO SATURADO

Meu universo saturado do presente pleno de ausências
retoma a sua origem. Sem ordenação se apresenta com
tranças, se enfeita como histórias para ser contadas.

IGNORO O FUTURO

Ignoro o futuro no momento da pretensa escolha. É uma excentricidade atribuir ao destino de uma vida inteira transformando-a segundo nossos interesses. O tempo nos espera logo ali para fazer-nos conhecer os “sermos outros”.



MEUS RASTOS

Eu me observo através dos meus rastos, das suas consequências. O meu mundo se inicia quando o compreendo como uma atividade do espírito.

QUANDO NÃO VOU

Quando não vou a parte alguma, não existe a possibilidade do desvio. O espaço nesse se perde ou eles se torna o espaço? Um se dissimula por detrás do outro, sendo o principal omitido, vemos apenas o acessório que cobre toda a minha atenção antes que o momento se termine.



FICO MUITO EMOCIONADO

Eu fico muito emocionado toda vez que acendo uma vela, duas velas, três velas, vejo recuar as sombras recusando as companhias, escandalizam o recuo numa espécie; escolhem o isolamento.

MURMURO

Murmuro antes de adormecer palavras que caem no vazio diante de um dragão mudo pronto para encenar algo nos meus sonhos. O invisível limitado por sua fraca visibilidade suporta um grande vazio. Essas palavras levam consigo uma timidez, seus átomos desencontrados são incapazes de uma demonstração instantânea: fracassam sobre si mesmas.



OLHARES ESCONDIDOS

Dois ou três olhares sem vestígios, neles despejo meus desejos inexperientes em teus voos. Perto de ti, estacionado espero tua visita, escondido atrás das árvores e dos olhares.

PARA VIGIAR

Detenho-me, não sem grande custo. Embora quisesse me despedir, pronunciei sem querer o contrário. Meu dia apareceu semeado de grandes e pequenas fantasias, indicando que enfrentaria condições incomuns, fazendo-me aventurar por mistérios que não posso compreender. Quanto ao que possa passar? Cá estou para vigiar.



SONHOS E PRECIPÍCIOS

Assisto a pessoas entrando e saindo como se estivessem vivendo. Ensaiam na realidade, confirmam absurdas inocências. Viver nunca foi sua especialidade. Insuficientes, se revelam incompletos com o presente sem saber que existe o futuro. Carentes de refúgios assistem a comédia e a farsa interferirem na prática, Entregam as convicções para quem não sabe usá-las, perdem quando confiam na paródia. Por terem vergonha, fingem estar vivendo para pagar créditos e pecados. Não pensam, usam a beira do precipício como transporte.

MINHAS

Palavras minhas se acostumaram a serem minhas companhias.



SEM QUERER

Sem querer incorporar o reducionismo como forma de ver o mundo, penso que esse tempo de absurdo multiplica o excesso tornando pouco tolerante a frustração de quem sabe o que busca, entendendo que é cada vez mais difícil encontrar.

DESABITUADO

Desabituei-me de deixar verter meus sentimentos mais autênticos por medo do vazio que eles iriam encontrar no silêncio das pessoas.



PADECER

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher duplicado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebrei quando me ofereceste o que todos queriam.

CONTEXTOS APRENDIZES

Nesses contextos aprendizes, ora com medo, ora emocionado, busco o rumo às soluções, vim mais em busca de inspiração, vocabulário, e companhia para esse meu desejo de escrever. Sabendo que a escritura é uma parte que se aprende em certas circunstâncias, desperto com a equidade, me faltam razões.



Roberto Curi Hallal

